

A ATUAÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA NOS RITOS ADONHIRAMITA E MODERNO

(THE ROLE OF DISCURSIVE MEMORY IN ADONHIRAMITE AND MODERN RITES)

Antônio Jaimar Gomes ¹

Resumo

O presente trabalho visa apresentar as condições de discurso, com ênfase na memória discursiva, que influenciaram a formação dos Ritos Moderno e Adonhiramita, entre os vários Ritos Maçônicos praticados no Brasil. Para tanto, utilizamos de pesquisa das obras relacionadas aos Ritos e às áreas da Linguística e da Análise do Discurso tais como Joaquim da Silva Pires, Kennyo Ismail, Albert G. Mackey, Eni Pulcinelli Orlandi, referências a Michel Pêcheux e outros além de fontes primárias tais como Lojas que trabalhem ou discorram sobre estes Ritos. Estabelecidos os conceitos de Maçonaria e Rito e das condições de formação do discurso, faremos a análise de alguns aspectos dos Ritos no tocante à não exigência da crença no Princípio Criador do Rito Moderno e na interpretação da lenda do terceiro grau feita pelo Rito Adonhiramita e assim apontamos a construção dos discursos dos Ritos e as modificações que ocorreram em virtude de mudanças nas condições destes discursos. Assim, verifica-se que os dois Ritos, como os demais, são reflexo da pluralidade de ideias concernente aos homens que compõem seu quadro e que é improvável uma Maçonaria sob um único Rito onde há tão grande diversidade de material humano.

Palavras-chaves: Rito; Maçonaria; Discurso; Memória Discursiva.

Abstract

This work aims to present the conditions of the discourse formation, focusing the discursive memory, which influenced the formation of the Modern and Adonhiramite Rites, among the various Masonic Rites practiced in Brazil. In order to do that, we researched many works related to Masonic Rites and Linguistics and Discourse Analysis such as Joaquim da Silva Pires, Kennyo Ismail, Albert G. Mackey, Eni P. Orlandi, references to Michel Pêcheux and others besides primary sources such as Lodges that practice or talk about those Rites. After establishing the concepts of Masonry and Rite and the conditions of discourse, we will analyze some aspects of those Rites regarding to the non-exigency of the creed in a Creative Principle in the Modern Rite and the interpretation of the legend of the third degree made by the Adonhiramite Rite and thus we point the construction of the discourses of both Rites and the changes occurred due the modifications in the condition of their discourses. So, we could perceive that both Rites, as well as the others, are a reflection of the plurality of ideas related to men that compound their number and that it is improbable the existence of a Masonry with only one Rite where there is a so large variety of human material.

Keywords: Rite; Masonry; Discourse; Discursive Memory.

¹ Antônio Jaimar Gomes é Professor Especialista de Inglês e Literaturas Inglesa e Norte-Americana da Universidade Estadual de Roraima; Mestre Maçom da Grande Loja Maçônica de Roraima; Maçom do Real Arco do Capítulo Luz Sobre Trevas N°8 do SGCMRAB; Mestre Escolhido do Conselho Amazonas de Maçons Crípticos do SGCMCB; e Presidente da Comissão de Ritual e Liturgia do SCODRFB.

Introdução

Os últimos anos apresentam um fenômeno iniciado com o advento da internet, que tem trazido à tona um interesse em teorias da conspiração e sociedades secretas. Embora com o passar dos anos e com o aprimoramento da informação esse interesse tem sido reduzido, cada dia mais a Maçonaria é estudada de forma própria ou não. Mesmo dentro das Lojas, entre os adeptos há quem se veja em situação difícil na hora de explicar a instituição da qual faz parte.

A Maçonaria brasileira é sem dúvida uma das maiores do mundo, a segunda maior, perdendo apenas para os Estados Unidos (ISMAIL, 2013). Nossa Maçonaria é um extrato de nossa sociedade no sentido de ser tão diversa quanto nosso povo pode ser. Isso é perceptível na quantidade de Ritos, que são as diferentes linhas de aprendizagem que uma Loja maçônica opta por aderir na Ordem Maçônica.

Há pelo menos sete Ritos distintos em atividade no Brasil. Escolhemos dois deles como objetos deste estudo, levando-se em consideração suas relevâncias históricas e também a forte distinção em relação aos outros Ritos, que de certa forma convergem em elementos básicos.

Os Ritos Moderno e Adonhiramita definem a Maçonaria da mesma forma que os demais e concordam em seu papel de transformador da sociedade em muitos aspectos, mas divergem em prática e nos conceitos referentes respectivamente à crença em um Ser Superior e na lenda que serve de base para os três primeiros Graus.

Adotando os elementos da Linguística e da Análise do Discurso, usamos de pesquisa bibliográfica de autores nacionais e internacionais, acrescentando fontes tais como as próprias Lojas que trabalham esses Ritos, para assim avaliar o quanto divergem dos demais e como as condições do discurso influenciaram na sua construção e manutenção frente a outros Ritos.

Tomando-os como discurso, depreende-se que a pluralidade de Ritos decorre da própria pluralidade de pensamentos, concepções huma-

nas e que sendo a consciência e a ideologia itens que se misturam à própria vivência, de maneira que esquecemos de sua existência, a refutação da ideia do diferente pode ser mais forte do que podemos perceber e tornam imperceptíveis a proximidade que há entre tantas práticas.

O conceito de Rito e a pluralidade no Brasil

A Maçonaria não é um objeto de estudo fácil para aqueles que não têm traquejo mínimo com a Ordem. Os vários termos próprios e os vários conceitos e símbolos deixam os críticos e defensores em situação difícil. A simples definição de Maçonaria não tem uma unanimidade. E isso leva até mesmo Maçons com vários anos de iniciados a se sentirem desconfortáveis no momento de tentar defini-la.

Certamente um dos erros mais frequentes nos quais incorrem os detratores e defensores da Maçonaria é ignorar os vários Ritos existentes ao redor do mundo ou até mesmo nem saber o que é um Rito. Uma diferença de Rito traz até mesmo uma diferença na compreensão do que é Maçonaria e seu papel.

Para Rito encontramos várias definições entre vários autores, contudo, a mais completa é a de que um Rito é um conjunto de "preceitos e obrigações gerais que produz efeitos sobre aqueles que estão sob seu alcance. (...) um Rito reflete princípios que o orientam, possui elementos históricos, além de buscar um objetivo específico". (ISMAIL, 2013). Tal acepção nos leva a crer que não é possível entender a Maçonaria em um bom nível sem ter conhecimento mínimo desses conjuntos de preceitos e elementos históricos.

É importante acrescentar que esses Ritos têm limites para suas diferenças que são os *Landmarks* (do inglês marco de terra, delimitação). São preceitos elencados em lista que definem o mínimo exigido para um empreendimento ser considerado Maçonaria. A lista de Landmarks mais conhecida no Brasil é a compilada por Albert G. Mackey, que conta com 25 Landmarks.

Para servir de exemplo podemos usar um

texto de Howard Duncan sobre as diferenças entre dois Ritos, York e Escocês. Segundo Duncan (2014), suas principais diferenças estão nos objetivos. Enquanto o Rito Escocês luta por liberdades individuais e responsabilidades civis, o Rito de York é um defensor da espiritualidade, e mais especificamente do Cristianismo quando de seus três últimos graus ou Ordens. Diante disto, podemos ter posições diferentes sobre qual o papel de um Maçom na sociedade.

Para um Maçom do Rito de York a Maçonaria pode ser um sistema que o remete ao Criador, reforçando suas concepções religiosas e espirituais sem se descuidar dos deveres sociais. Já para o Maçom do Rito Escocês, a Ordem pode vir a ser um sistema de cidadania e bem estar social sem se descuidar da crença em um Ser Supremo. Ou seja, as prioridades se invertem.

Evidentemente, esta situação hipotética e propositalmente retirada da Maçonaria Americana não incorre em problema, pois os três primeiros graus são comuns a todos e estes trazem um consenso quanto ao que é a instituição no que afirma Mackey (1860) ser a Maçonaria definida como um sistema de moral encoberto por alegorias e representado através de símbolos. A partir disto, seus objetivos podem diferir, mas há uma base comum.

Ao contrário dos Estados Unidos, maior pátria maçônica do mundo, o Brasil, segundo lugar nesta lista, tem a peculiaridade de praticar a Maçonaria através de sete Ritos distribuídos nas três potências consideradas regulares, as Grandes Lojas Estaduais, unidas na Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil - CMSB; os Grandes Orientes Independentes, congregados na Confederação da Maçonaria Brasileira – COMAB; e o Grande Oriente do Brasil, este em sistema federativo e com o maior número de Ritos praticados.

Nessa questão de adoção de Ritos, o Brasil é um caso ímpar. Enquanto nos outros países predomina-se o trabalho de um ou dois Ritos, a Maçonaria regular tupiniquim pratica sete: Moderno ou Francês, Adonhiramita, Escocês Antigo

e Aceito, York, Schroeder, Emulação, Brasileiro e Escocês Retificado. O Maçom acostumado com a prática de um único Rito em seu país pode ficar deveras surpreso ao chegar ao Brasil e se deparar com tal miscelânea.

Este emaranhado de Ritos é tão útil para a Maçonaria Brasileira como é a própria variedade de seus maçons, composta de imigrantes de vários países, membros de distintas classes sociais, níveis de instruções e orientações políticas e religiosas diferentes.

Demandaria excessivo tempo analisar cada Rito. Assim, nos deteremos em dois deles, o Rito Moderno e o Adonhiramita, por serem os mais antigos praticados no Brasil e também por trazerem peculiaridades que os distinguem dos demais de forma mais marcante.

As condições discursivas

É fato que esses vários Ritos se mantêm no Brasil e sua impossibilidade de união em uma única prática tem razões variadas que podem ser analisadas em perspectivas e pontos de vista ainda mais variados. Contudo, trabalhando a Maçonaria historicamente como um intrincado sistema de palavras, frases e códigos, podemos elencar a linguagem como uma área capaz de carrear todas as demais, pois é o ponto de transmissão dos ensinamentos, seja qual for o aspecto histórico, social, político ou ritualístico em questão.

Ao afirmar que “o discurso é o produto de uma interação linguística de um dado grupo social ou classe social (...)” (NARZETTI, 2014) nós podemos entender os vários ritos maçônicos como grupos ou classes diferentes dentro da Maçonaria. Poderíamos buscar outras formas de classificação, mas esta, orientada pelas ideias de Michel Pêcheux, atende melhor ao que propomos.

Assim como os Ritos, os discursos não são isolados e sem contexto. Olhar para eles desta forma constitui um prejuízo a sua compreensão. Temos que adotar uma visão na qual estes discursos são: “(...) maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sen-

tidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos (sic) seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2009, pg. 16).

Em Macoy (1870), por exemplo, são encontradas muitas definições de Maçonaria e todas elas são fruto de sua visão de mundo, ou seja, o discurso é uma parte inseparável de suas vidas.

Embora todas as definições e objetivos encontrados apontem para um sistema de moralidade ou um meio de tornar feliz a humanidade, talvez deveríamos ter uma Maçonaria mais unívoca, na qual os ritos não fossem tão distintos. No entanto, cada Rito representa um discurso dentro das concepções do que pode ser Maçonaria e considera homens em discursos carregados de histórias e ideologias. Assim, pode haver tantos ritos quanto pode haver discursos diferentes no meio maçônico. Uma simples pesquisa é capaz de indicar a existência de, pelo menos, duas centenas de ritos que já foram criados e perderam até hoje ou sucumbiram sem deixar muitos rastros, como acusam Coil e Brown (1961), em quase quarenta páginas dedicadas aos ritos maçônicos.

Ainda, de acordo com Orlandi (2009), a produção destes discursos está centrada no sujeito e na situação. Há ainda os dois sentidos de produção estrito e imediato:

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: e o contexto imediato. E se considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio histórico, ideológico (ORLANDI, 2009, pg. 30).

Podemos relacionar a isto o nascimento das guildas, as revoluções e movimentos nos quais esteve inserida a Maçonaria, bem como o contexto político de cada época quando da instauração dos Ritos.

Outro ponto de suma importância é a memória. Não a memória como costumamos percebê-la. Na verdade, em termos de discurso e sua análise a memória “(...) seria uma relação em que

uma determinada formulação está ligada a outras formulações anteriores”. (SANTOS; COITO, 2009) Esta memória que muitos também chamam de interdiscurso é a forma pela qual os discursos fazem sentido nos diferentes sujeitos com a reafirmação do que já foi dito por meio da ideologia e do inconsciente.

Em se falando de memória, há outros elementos que temos que considerar no contexto discursivo dos Ritos que são os esquecimentos. Orlandi destaca dois tipos:

(...) o esquecimento dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer sempre podia ser outro (...) o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico (...) e da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. (...) Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. (ORLANDI, 2009, pg. 35)

Os discursos se processam diante desses elementos e diante de condições históricas, ideológicas e sociais e um estudo dos Ritos deve sempre passar por esses elementos.

Os discursos Moderno e Adonhiramita em análise

Como já afirmado, a Maçonaria Brasileira trabalha com sete ritos dentre os quais há diferenças perceptíveis de uma Obediência para a outra. Apresentaremos dois dos principais, embora não exatamente os mais praticados, mas pelos motivos já expostos anteriormente e que reforço a seguir.

Todos os demais ritos, por mais que variem, procuram manter bases comuns ou possuem, realmente, bases comuns. Os Ritos Moderno e Adonhiramita divergem em pelo menos dois desses pontos: a lenda do 3º Grau e a menção ao Grande Arquiteto do Universo. Esses são temas que geram certa polêmica no meio maçônico,

mas, conforme veremos, não chegam a ser absurdos ou ideias tão diferentes, apenas pontos de vista divergentes muitas vezes com o uso da mesma abordagem.

Rito Adonhiramita

Este Rito foi o primeiro a ser praticado no Brasil e é um dos mais antigos do mundo, não sendo o mais antigo devido a sua descontinuidade na França, em 1773, ficando sem atividades até 1838, quando ressurgiu no Brasil. Isto pode ser confirmado acessando, por exemplo, a página "No Esquadro"².

O que chama mais atenção nesse Rito diz respeito a como eles percebem a lenda do terceiro grau, uma lei imutável para a maioria dos maçons. Isto porque, de acordo com esta lenda, Hiram Abiff (Hirão ou Hirão-Abi em algumas traduções) foi o arquiteto e artífice responsável pela construção do Templo erigido pelo Rei Salomão.

A base para a lenda reside no texto de I Reis:7, mais especificamente nos versículos 13 e 14. No livro "Quem é quem na Bíblia Sagrada", Paul Gardner (2012, p. 266) afirma que "Hirão vivia em Tiro, no tempo do Rei Salomão, quando o Templo estava em construção (...) A importância de Hirão na construção do Templo também é percebida no espaço dedicado a ele pelo escritor do livro".

Para os praticantes do Rito, conhecidos como "adonhiramitas", Hiram, tido como uma figura de suma importância para a Maçonaria e com versículos dedicados a ele na Bíblia, não é a personagem central da trama. Seria sim, Adonhiram, filho de Abda. Este aparece no mesmo livro de I Reis 4:6 como chefe dos trabalhos forçados e cobrador de impostos nos reinados de Davi e Salomão e trabalha durante a construção do Templo com 30.000 homens sob seus comandos.

Retiramos o seguinte trecho da página da Loja "Estrela do Nilo" #3019³, do Grande Oriente do Brasil:

ADONHIRAM, filho de Abda, era o funcionário encarregado dos tributos na corte de SALOMÃO, por este estar incumbido do recrutamento dos operários quando da construção do Templo. Como tal, vem designado no 1º Livro dos Reis, Cap. IV com o título de "preposto às corvéias (sic)". ADONHIRAM era a pessoa que recrutava os operários, selecionava-os, dividia-os segundo suas capacidades ou necessidades da obra e, por certo, também lhes pagava o salário, até porque era o tesoureiro de SALOMÃO. Sendo assim para nós ADONHIRAMITAS é o personagem central da Construção do Templo de Salomão, Adonhiram (Hiram de Deus), conforme nos asseguram os versículos 6 do capítulo IV e 13 e 14 do capítulo V do 1ºReis no Antigo Testamento. Acreditamos que a verdadeira palavra é Adonhiram, ou Hiram composto do pré-nome Adon (dominus), que os hebreus usam frequentemente quando falam de Deus; este prenome agregado à palavra Hiram, faz-se Adonhiram, que significa Hiram, "O consagrado ao Senhor", "O bom Senhor" ou "O divino Hiram", de onde foi derivado o título de Maçonaria Adonhiramita (ESTRELA DO NILO, 2014).

Através desse trecho, podemos ver que há uma interpretação diferente baseada na não aceitação do papel secundário que seria creditado ao personagem Adonhiram. Como ele era encarregado de tantas tarefas, seria uma simples espécie de capataz, enquanto o fundidor de bronze seria elevado ao papel de destaque na Maçonaria assumindo a tarefa de organizar todo o trabalho de construção do Templo de Salomão. A ideia de que quem faz o maior trabalho deve ser o mais importante assume o lugar aqui e modifica até mesmo o incontestado 3º Landmark de Mackey (LANDMARKS, 2010), que diz que a lenda do terceiro grau não pode ser alterada.

Evidentemente que, na ótica do reformulador do Rito, Barão Tschoudy, não era aceitável rebaixar uma pessoa tão comprometida como Adonhiram, mas ele em si não trazia nenhum atributo especial além de conseguir fazer milha-

² <http://www.noesquadro.com.br/2010/12/rito-adonhiramita.html> Acesso em: 23 de Março de 2014.

³ <http://www.adonhiramita.org/liturgia.htm> Acesso em: 24 de Março de 2014.

res de homens trabalharem ordeiramente. Ora, isto pode ser feito pela força e não ser necessariamente uma especialidade. Lembremos que o texto diz “trabalhos forçados”.

Uma alternativa aceitável na ótica dos praticantes, e reforçada por Tschoudy, era uma espécie de elevação do personagem. Isso foi feito através da interpretação de seu nome. Por meio de uma distorção, o nome Adonhiram, que, segundo Gardner (2012) significa o “Senhor é exaltado”, virou para os maçons adonhiramitas um acrônimo de Adonai (“Senhor”, usado para Deus) com Hiram, formando assim o nome “Adonhiram”, o “Senhor Hiram”.

Note que uma mudança no discurso transforma o personagem, dando-lhe, nesse caso, não poderes acima do comum, mas uma importância maior do que parecia existir. Ao passo que Hiram Abiff, que tinha uma aura de respeito, passa a um segundo plano, talvez em posição de subordinação em relação ao Adonhiram.

Essa mudança na percepção do nome, o qual antes promovia uma mudança de rumo na lenda do grau e colocava o Adonhiramita em situação de irregularidade na lida com outros Ritos, acaba dando margem para uma tolerância aos adeptos desse sistema.

Nesse caso, veremos o quanto o discurso não é um fenômeno isolado e que o sujeito não está totalmente livre em sua ação de dizer. “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2009, pg. 46).

As relações de reconhecimento e aceitação em Maçonaria são complexas e delicadas, mas uma coisa pode-se afirmar: todo Maçom deseja ser reconhecido como tal em todos os lugares onde for. Não ser reconhecido é equivale para muitos a não ser Maçom.

Diante da ameaça de não ser tido como regular, o Rito faz uma espécie de fusão de personagens, aliando os grandes trabalhos prestados por Adonhiram a Hiram Abiff, o qual tem a seu favor um depoimento de sabedoria e conhecimento em arte atestados nos versos 13 e 14 do capítulo VII do livro I de Reis. Assim, as duas figuras aparen-

temente se fundem para dar uma feição de regularidade, em obediência ao 3º Landmark de Mackey e outros similares em outros compêndios.

Essa questão maçônica torna impossível não lembrar a mítica cena de Galileu retirando-se do Tribunal do Santo Ofício teimosamente afirmando entre sussurros, “no entanto ela gira”. O Rito, assim, permanece regular, mas os rituais e reguladores não mudam o entendimento aos seus adeptos sobre, na opinião deles, a verdadeira identidade do Mestre da construção do Templo: Adonhiram.

Também é digno de nota que aqueles que acusam o Rito Adonhiramita de modificar a lenda do terceiro grau o fazem de modo similar. Eles, de certa forma, fundem as duas figuras dizendo que Hiram estava a cargo dos construtores e era o artífice do Templo. A diferença é que esta adaptação traz o privilégio de estar circunscrita nas antigas regras consagradas pela Maçonaria. É útil então lembrar-nos da ilusão adâmica. Para os demais Ritos, eles declararam primeiro e, pelo privilégio de antiguidade, tão respeitado em Maçonaria, os primeiros formam as regras e, ainda que um mais velho volte-se contra essa regra, esse será excluído, ou melhor, “não reconhecido”.

O Rito Adonhiramita ainda sofreria uma modificação em virtude de outro contexto, o da quantidade de Graus. Embora Mackey (1860) conte 12 graus no Rito Adonhiramita, o Rito passa a ter 13 graus após a contribuição de Guillemann de San Victor, como afirma Dias (2014). Já na década de 1970, a Oficina Chefe de Rito Adonhiramita no Grande Oriente do Brasil começou a perder Lojas para o Rito Escocês Antigo e Aceito. O motivo, no entender do órgão, foi a quantidade de graus:

Em 1951, o Grande Oriente do Brasil tornou-se Potência Simbólica, governando apenas os três primeiros Graus, deixando os Altos Graus para Obediências dos Ritos. O Grande Capítulo do Rito organizou e a partir de 1953 passou a denominar-se “Muito Poderoso e Sublime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas para o Brasil”, e continuou fundando Lojas, que em dois ou três anos transformava-se (sic) em Escocês pela atração

dos 33º (DIAS, 2014).

A quantidade prevaleceu não necessariamente em detrimento da qualidade. O próprio Dias afirma que não há Ritos ruins ou bons, apenas ritos. Contudo, numa situação hipotética do diálogo entre dois maçons, em que um identifica-se como Grau 13 e o outro como Grau 33, uma diferença de 20 graus pode denotar uma inferioridade que não necessariamente é consciente ou verdadeira, pois sabem os praticantes dos dois ritos que o número de graus não diz tanto, já que são sistemas independentes e cujos temas são geralmente de cunho moral.

Ainda, provavelmente nenhum dos dois maçons admitiria a atração pela quantidade de graus. Afinal, sobre consciência, M. Pêcheux diz que: "sua característica é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento" (apud ORLANDI, 2009, pg. 46). Ainda que perceptível, essa consciência não é fácil de ser negada, levando-se em conta que mais graus significam mais tempo e mais estudo. Contudo, o que pode ser verdade no quesito tempo, não necessariamente é no quesito estudo.

A solução encontrada foi mais uma vez uma adaptação ao discurso, para não se perder espaço:

Então em 1973 ao fazer 100 anos da criação do grande Capítulo Noaquita pelo GOB, resolveram fazer uma grande modificação na estrutura administrativa e da graduação do Rito, já que o Rito ficara sendo apenas no Brasil. E em 2 de junho de 1973 o Sublime Grande Capítulo passou a se chamar "EXCELSO CONSELHO DA MAÇO-NARIA ADONHIRAMITA" e o Grande Inspetor AYLTON DE MENEZES assumiu o título de Grande Patriarca Regente e os altos graus foram aumentados de 13 para 33 como REAA, incorporando os rituais reformados por TSCHOUDY como o houvera feito o Rito Escocês (DIAS, 2014).

Assim, o Rito Adonhiramita adaptou-se dentro do mundo maçônico como forma de sobreviver e expandir-se, seja pela distorção do entendimento do nome "Adonhiram" ou pelo aumento na quantidade de graus, de 13 para 33.

Rito Moderno ou Francês

Segundo rito a ser praticado no Brasil, foi criado na França em 1773, substituindo oficialmente o Rito Adonhiramita no seio do Grande Oriente de França, embora Ismail (2010) afirme que posteriormente ele sofreu uma reformulação tão grande que até poderíamos falar de um novo Rito que apenas manteve a mesma nomenclatura.

Aquela altura, fervilhava a criação de Ritos por todos os lados e aumentava o número de Graus nesses. O Rito de Heredom, por exemplo, tinha 25 graus. Assim, o Moderno foi criado para, de acordo com o Macoy (1870, pg. 149), "preservar os altos graus; e com o propósito de simplificar seu número". O número de Graus inicialmente foi de sete. Mais adiante, seria aumentado para nove.

Esse Rito é uma tentativa de atender à pressão de irmãos "(...) para harmonizar as diferentes doutrinas que vicejavam desordenadamente num emaranhado proliferar de altos graus, por influência da Cavalaria, da nobreza e de misticismos" (NETO, 2014).

O Rito ainda mantinha estreita relação com as práticas maçônicas convencionais até que, em 1877, uma reformulação aconteceu, quando se suprimiu a crença em um Grande Arquiteto do Universo e na Imortalidade da Alma de toda simbologia, filosofia e frases do Rito (ISMAIL, 2010). Isso foi visto como uma atitude irregular pela Grande Loja Unida da Inglaterra, que rompeu relações com o Grande Oriente da França, rompimento que dura até hoje.

De acordo com Joaquim da Silva Pires (2014), a mudança recebeu respaldo no Brasil com Decreto do Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, na época Antônio Joaquim de Macedo Soares.

Mais uma vez temos um Rito indo contra os estatutos consagrados por Anderson e pela Grande Loja Unida da Inglaterra, que costumam ser adotados por todos os Corpos Maçônicos ti-

dos como regulares: a crença em Deus e na imortalidade da alma. Certamente a iniciativa maçônica francesa coadunou com o pensamento iluminista iniciado há pouco mais de um século antes da decisão de supressão do Ser Supremo.

No entanto, como se pôde ver, mais uma vez achou-se um meio de adequar a situação no Brasil. Os Rituais aprovados pelo Grande Oriente do Brasil preceituam que o livro ou livros sagrados de uma ou mais religiões devem estar fechados sobre a mesa do Venerável Mestre nas Lojas Simbólicas.

Tal situação divide opiniões, pois "(...) o Rito Moderno passou a ser elogiado por uns, que o qualificam, orgulhosamente, de adogmático e agnóstico, mas tismados por outros, que o acoimam de ateísmo!" (PIRES, 2014).

Pires (2014) ainda afirma que tais opiniões estão construídas sobre equívocos. Esses equívocos, ainda lembrando quão imiscuídas podem estar a consciência e a ideologia no discurso, não são outra coisa senão mais uma manifestação do "esquecimento". Se não, vejamos o que acrescenta Pires sobre o assunto:

Ora dizer que o Rito Moderno é dogmático, configura um enorme truísmo, pois todos os Ritos do Grande Oriente do Brasil são adogmáticos, e não só o Rito Moderno, conforme preceitua, de modo límpido, a Constituição do referido Grande Oriente (...)

Quanto ao Agnosticismo, a referida Lei Maior do Grande Oriente do Brasil, no inciso I de seu artigo 2º, proclama a existência de um Princípio Criador, o Grande Arquiteto do Universo. Logo, em todos os Ritos da citada Potência Maçônica, entre os quais o Rito Moderno, não pode ser excluído o Grande Arquiteto do Universo, sob pena de inegável afronta ao referido e inequívoco preceito constitucional. (PIRES, 2014, pg. 6)

Relembrando o conceito da ilusão adâmica na obra de Orlandi (2009), isto é, de que o indivíduo tende inconscientemente reproduzir um discurso já dito, mas crendo ser ele seu criador, podemos identificar tal condição no discurso ao

ver que os praticantes do Rito outorgam a si uma condição já presente e manifesta nos preceitos da Ordem embora o façam de uma forma diferente. Poderiam, portanto, dizer que são agnósticos e adogmáticos de uma forma diferente dos demais Ritos, mas o fazem como se fossem únicos paladinos destes preceitos.

Mas não são os únicos que incorrem em tal esquecimento. Os que acusam o Rito de ateísmo simplesmente se esquecem de que ele não combate a crença em Deus, mas apenas não a impõe como elemento basilar.

Poderíamos também falar de outro esquecimento, que vem a ser o pensamento de que o que dizemos somente poderia ser dito daquela forma. Ora, se se usa o termo "Grande Arquiteto do Universo" para acolher a revelação particular de cada um ou ainda a não revelação do Ser Supremo, também é possível fazê-lo sem seu uso. Há duas maneiras de defender o princípio de neutralidade quanto a crença religiosa e ainda dois modos de não ser dogmático, mas cada lado privilegia uma esquecendo-se do outro.

Fatores para isto não faltam. Desde o fim da Idade Média, passando pelo Iluminismo, vivemos um caminho que tem nos colocando no Humanismo e no Antropocentrismo. Embora vejamos sociedades teocêntricas e regimes políticos que privilegiam a visão religiosa, a visão de estado laico e o aumento no número de pessoas que mesmo declarando ter fé em Deus não se filiam a religiões (IBGE, 2014), mostram que existe um discurso que privilegia as visões liberais de crença ou mesmo a abdicação dessa crença.

Esse cenário é proporcionado pelo interdiscurso. E isto, ressalte-se, acontece enquanto "os sujeitos não estão conscientes desta determinação externa, percebendo-se como fonte dos significados de uma FD [formação discursiva], quando eles são, na verdade, seus efeitos" (MARTINS, 2004, pg. 1). Os falantes se veem presos no discurso ditado pelo ambiente em que vivem profundamente afetados pelo mote social atual.

Mais uma vez, uma diferença de ponto de vista que é causado pelo ambiente onde se produz o

discurso, de maneira que se no Rito anteriormente em análise tínhamos um mesmo método para se chegar a um diferente resultado, aqui temos o mesmo resultado alcançado por métodos diferentes.

Conclusão

Não cremos ser possível isolar um Rito de seu contexto e dos elementos que o constitui. Apresentando seus postulados como o discurso de classe como definido por Foucault ou algo não tão concentrado, mas ainda em grupo como Pêcheux, devemos sempre levar em conta que um Rito reflete um dado momento ou ainda momentos; que é fruto de escolhas ideológicas conscientes ou não; que passa por escolhas que invariavelmente estão sobre os ombros de um grupo que tem o privilégio de ser o construtor de preceitos e que, diante desses elementos, os membros aderem a ele ou não.

Nos Ritos em questão, a polêmica que gira em torno deles dá-se simplesmente pela falta de aprofundamento nas causas de outrem, que resulta na incompreensão que afasta. O diferente exige enxergar com os olhos do outro para, pelo menos, aproximar-se de uma compreensão. Porém, entre os elementos que condicionam o discurso, a memória discursiva parece ser a que mais influencie. Os elementos amplos tais como história e sociedade podem formar o arcabouço, mas é a memória que vai receber todos esses fatores e trazer à tona quando chegar o momento do enunciado.

Se conseguirmos entender e pensar nos fatores que criam um Rito específico, que o modificam e o sustêm, estaremos aptos a ser receptivos ou, pelo menos, mais respeitosos e compreender que a pluralidade de Ritos é meramente fruto da condição humana e inseparável da Maçonaria fundada por homens.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: *Características gerais da*

população, religião e pessoas com deficiência. Disponível: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm. Acesso em: 20 de abril de 2014.

COIL, Henry Wilson; BROWN, William M. *Coil's Masonic Encyclopedia*. New York: Ed. Macoy, 1961.

DIAS, Domingos Fernandes. *História do Rito Adonhiramita no Brasil*. Disponível em: <http://www.excelsoc Conselho.org.br/#>. Acesso em: 15 de abril de 2014.

DUNCAN, J. Howard. (1997) *The York and Scottish Rite*. Disponível em: <http://srjarchives.tripod.com/1997-09/Duncan.htm>. Acesso em 15 de abril de 2014.

GARDNER, Paul. Quem é quem na Bíblia Sagrada. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Vida Acadêmica, 2012.

ISMAIL, Kenno M. (2013) *O que é Rito e o que é Ritual*. Disponível em: <http://www.noesquadro.com.br/2013/02/o-que-e-rito-e-o-que-e-ritual.html>. Acesso em: 15 de abril de 2014.

ISMAIL, Kenno. Porque a Maçonaria brasileira está perdida: uma análise comparativa da influência dos diferentes lemas sobre as atividades maçônicas. Brasília: *Revista Ciência & Maçonaria*, Vol. 1, n.1, Jan/Jun, 2013, p. 29-50.

_____. (2010) *O Rito Moderno*. Disponível em: <http://www.noesquadro.com.br/2010/12/rito-moderno.html>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

_____. (2010) *O Rito Adonhiramita*. Disponível em <http://www.noesquadro.com.br/2010/12/rito-adonhiramita.html>. Acesso em: 15 de abril de 2014.

LANDMARKS. In: *Vade Mecum Maçônico*. Boa Vista: Grande Loja Maçônica de Roraima, 2012.

LOJA URIM & TUMIM. *O Rito Adonhiramita*. Disponível em: <http://www.adonhiramita.org/rito.htm>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

MACKEY, Albert G. *Lexicon of Freemasonry*. Philadelphia, EUA: Moss, Brothers and Co, 1860.

MACOY, Robert. *General History, encyclopedia and dictionary of Freemasonry*. New York: Masonic Publishing Company, 1870.

MARTINS, Antônio Carlos Soares. Linguagem, subjetividade e história: a contribuição de Michel Pêcheux para a constituição da análise do discurso. *UNIMON-*

TES CIENTÍFICA. Montes Claros, v.6, n.1, jan./jun. 2004.

NARZETTI, Claudiana. *As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70*. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/52.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

ONIAS NETO, Antônio. *Rito Moderno ou Francês*. Disponível em: <http://www.masonic.com.br/avental/mod00.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PIRES, Joaquim da Silva. *Comentários ao Rito Moderno*. Disponível em: <http://www.redempcao.org.br/material/loja/trabalhos/O%20RITO%20%20MODERNO.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

SANTOS, Éder José; COITO, Roselene de Fátima. (2009) *Memória discursiva e efeitos de sentido em propagandas impublicáveis*. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao14/art_11_ed14.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2014.